

VIVÊNCIAS DO PIBID DE HISTÓRIA NO ENSINO DA DITADURA MILITAR: METODOLOGIAS ATIVAS E MEMÓRIA HISTÓRICA

Náfftaly Sousa Silva ¹
Lucas de Oliveira Arraes ²
Lídia Noêmia Silva dos Santos ³

RESUMO

As atividades desenvolvidas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em História, sob supervisão da professora Natália Lima, proporcionaram vivências que articularam teoria e prática no ensino. O eixo principal foi o estudo da Ditadura Militar no Brasil, período de grande complexidade histórica e de intensa necessidade de reflexão crítica. As ações ocorreram em turmas de terceiro ano do ensino médio, na Escola de Ensino Médio em Tempo Integral César Cals de Oliveira Filho, por meio de intervenções que buscaram aproximar os estudantes de metodologias ativas e recursos didáticos diversificados. O referencial teórico-metodológico baseou-se na valorização da memória histórica, entendida como instrumento de formação cidadã, e na compreensão do ensino de História como campo fundamental para a construção do pensamento crítico. Entre as estratégias utilizadas, destaca-se a exibição do filme 'Ainda Estou Aqui' (Salles, 2024), que introduziu reflexões sobre repressão e resistência, seguida de discussões que conectaram a narrativa cinematográfica à realidade histórica. Além disso, exploraram-se conteúdos relacionados ao Movimento Tropicália (Barros, 2004), com o uso de músicas censuradas no período, enriquecendo o entendimento sobre a dimensão cultural da ditadura. Outro momento importante foi a produção de um mural coletivo sobre vítimas e desaparecidos políticos, atividade que permitiu aos estudantes vivenciarem práticas de construção de memória e identidade histórica. Entre os principais resultados, destacou-se o maior engajamento dos estudantes, refletido em questionamentos, debates e na ampliação da consciência histórica acerca das consequências do autoritarismo. Em síntese, a experiência contribuiu significativamente para a formação dos bolsistas, ao possibilitar o exercício docente em contextos reais, consolidando a prática pedagógica e reforçando o papel social da disciplina de História na defesa da democracia e na preservação de valores democráticos.

Palavras-chave: Ensino de História. Ditadura Militar. Metodologias ativas.

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, nafftaly.sousa@aluno.uece.br;

² Graduando do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, luca.arraes@aluno.uece.br;

³ Professora do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará - UECE, lidia.noemias@uece.br;

INTRODUÇÃO

O ensino de História no Brasil, especialmente no que se refere ao estudo da Ditadura Militar (1964-1985), apresenta desafios relacionados à abordagem crítica e à construção de uma memória coletiva que valorize os princípios democráticos (Bittencourt, 2009). A escolha do tema justifica-se pela relevância histórica e social do período, marcado pela censura, pela repressão política e pelas lutas de resistência. Refletir sobre esse passado torna-se fundamental para compreender melhor o presente, pois o período traz cicatrizes que perpetuam em tempos contemporâneos com a ascensão de líderes autoritários e conservadores, contribuindo assim com o entendimento do aluno sobre a importância dos poderes democráticos (Bittencourt, 2009).

No âmbito da formação docente, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) desempenha um papel estratégico ao possibilitar experiências que articulam teoria e prática, permitindo que futuros professores desenvolvam competências pedagógicas em situações reais de ensino. Assim, este artigo tem como objetivo geral apresentar um relato de experiência das práticas realizadas pelos bolsistas do PIBID de História na Escola de Ensino Médio César Cals de Oliveira Filho do 3º ano, que buscaram explorar metodologias ativas como recursos para estimular a participação dos estudantes e fomentar a construção de conhecimento crítico acerca do período histórico da Ditadura Militar no Brasil.

Os objetivos específicos deste trabalho são: (a) relatar as experiências desenvolvidas no PIBID no ensino da Ditadura Militar do Ensino Médio; e (b) refletir sobre a importância da memória histórica como ferramenta de formação cidadã. A metodologia de construção deste relato baseia-se na observação, descrição e reflexão das práticas promovidas em sala de aula.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho caracteriza-se como exploratória e básica, apresentada por meio de um relato de experiência, fundamentado nas práticas realizadas no âmbito do PIBID de História. Por meio da observação participante dos bolsistas e participação nas aulas e planejamentos junto a professora supervisora, foram planejadas intervenções que buscavam integrar recursos pedagógicos diversificados e metodologias ativas que estimulassem a participação dos estudantes.



Vale ressaltar que os bolsistas (1º e 2º autores deste trabalho) atuavam sob a supervisão da professora Natália Lima, atuante na escola, que junto a um grupo maior de alunos bolsistas que eram divididos por turmas na Escola de Ensino Médio (Imagem 1). Ademais, os bolsistas também contavam com a participação ativa da orientadora do PIBID e professora do curso de História da FECLESC/UECE, Lídia Noemia (3º autora do trabalho).

Imagen 1. Equipe de bolsistas com a supervisora na Escola



Fonte: Autores (2025).

As atividades ocorreram em turmas de 3º ano do Ensino Médio. Entre os instrumentos utilizados destacaram-se: a exibição de filmes, a utilização de músicas censuradas durante a Ditadura, a produção de slides explicativos e a elaboração de um mural coletivo imagético das vítimas do regime. Cada uma dessas estratégias foi aplicada com o intuito de promover o engajamento dos alunos e favorecer o aprendizado crítico.

Com nossa participação em sala de aula, atuamos através da prática de uma observação participante, definido por May (2001, p. 177) como um “processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo”.

A observação participante e as discussões promovidas em sala de aula pelos bolsistas serviram como base para a experiência de uma pedagogia engajada (hooks, ano) e para o fomento do pensamento crítico dos alunos.

A prática do diálogo é um dos meios mais simples com que nós, como professores, acadêmicos e pensadores críticos, podemos começar a cruzar as fronteiras, as barreiras que podem ser ou não regidas pela raça pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças (hooks, ano, p. 174)

Entendemos que o diálogo engajado e permeado pela busca de uma participação ativa pôde promover maior entendimento deste período histórico. Além disso, a experiência foi analisada à luz de referenciais teóricos que tratam do ensino de História do Brasil e Ditadura Militar, da memória histórica e das metodologias ativas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico deste trabalho articula três eixos principais: (a) as metodologias ativas no ensino, (b) a memória histórica como prática pedagógica e (c) a didática da História.

No que se refere às metodologias ativas, Moran (2015) e Bacich e Moran (2018) defendem a necessidade de tornar os estudantes protagonistas de sua própria aprendizagem, por meio de práticas inovadoras que rompem com o modelo tradicional de ensino. Tais perspectivas dialogam com a experiência relatada no filme *Ainda estou aqui* (Salles, 2024), nas músicas do Movimento Tropicália (Barros, 2004) e na produção coletiva do mural de fotografias dos desaparecidos durante o período do regime militar serviram como instrumentos para estimular a criticidade.

A educação não deve ser apenas a transmissão de informações, mas um processo libertário que empodera os estudantes a pensar criticamente e agir no mundo (hooks, 2020). O

pensamento crítico em uma educação libertadora tem papel fundamental na vida das pessoas para que elas tenham discernimento para refletir sobre os aprendizados e seu local no mundo.

Por isso, abordamos o ensino da Ditadura em uma prática coletiva e focada no engajamento dos alunos no processo de aprendizagem de história. A discussão sobre memória histórica é pautada nos estudos de Halbwachs (1990) e Pollak (1989), que compreendem a memória como construção social e coletiva, influenciada por disputas de poder e identidades. No contexto do ensino da Ditadura Militar, essa perspectiva é fundamental para problematizar o esquecimento, o silenciamento e a importância de resgatar as vozes daqueles que resistiram ao autoritarismo.

A ditadura militar brasileira permanece como uma ferida aberta na nossa história, marcada pela supressão de direitos, censura, perseguições políticas, tortura e desaparecimentos. Como aponta Chitolina (2021), movimentos contra a democracia como o bolsonarismo são um resíduo ideológico desse período autoritário — um legado que se mantém vivo por meio de estruturas sociais violentas, desigualdades históricas e da ação política das elites que sempre recorreram ao autoritarismo quando seus privilégios foram ameaçados. Movimentos antidemocráticos mobilizam discursos militaristas, moralistas e anti-intelectuais parecidos com os usados pela ditadura, atualizados através da internet, das *fake news* e do fundamentalismo religioso.

Diante disso, o ensino da história do Brasil se torna uma ferramenta crucial para a defesa da democracia. Compreender o passado — especialmente seus capítulos mais sombrios — permite identificar os mecanismos de manipulação, silenciamento e violência que ressurgem em momentos de crise. Chitolina afirma que quando a educação histórica é negligenciada, abre-se espaço para o revisionismo, para o negacionismo e para a repetição dos mesmos erros. Ensinar a verdade sobre a ditadura, suas vítimas, suas violações e seus impactos estruturais é fundamental não apenas para preservar a memória, mas também para fortalecer uma cultura democrática que resista a novas ameaças autoritárias (Chitolina, 2021).

Por fim, a didática da História, discutida por Bittencourt (2009) e Fonseca (2016), contribui para refletir sobre o papel do professor como mediador do conhecimento histórico e sobre a importância de práticas pedagógicas que estimulem a reflexão crítica, a análise de fontes e a valorização da pluralidade de interpretações.

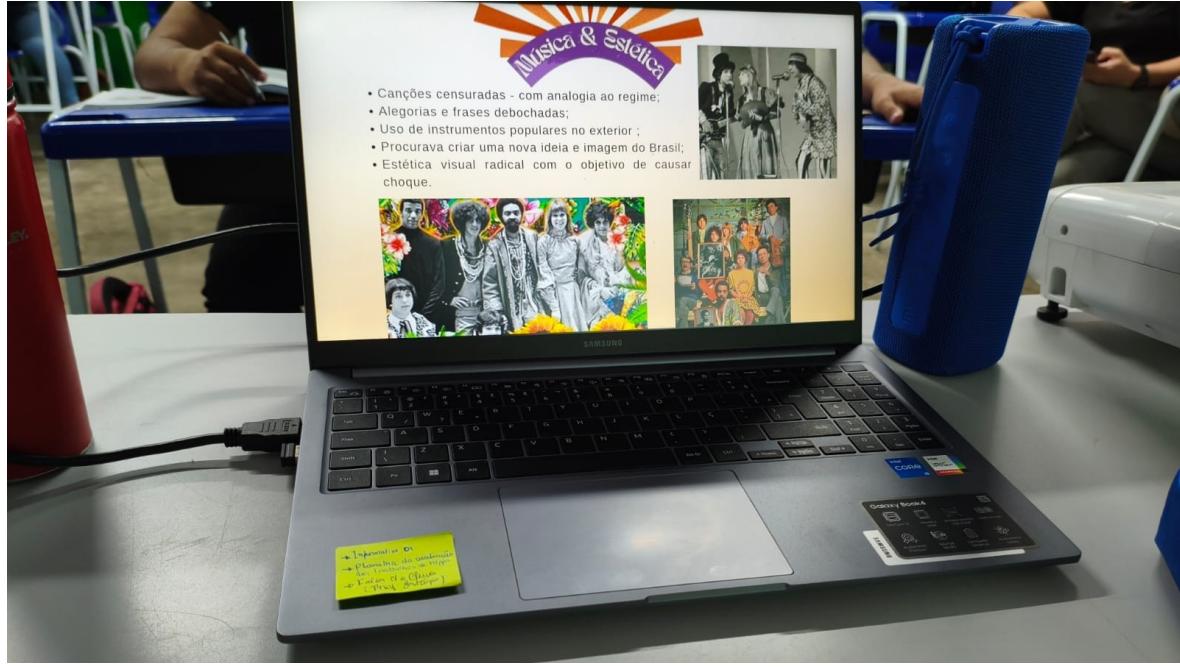


RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados observados a partir das práticas realizadas evidenciam a capacidade das metodologias ativas na promoção do engajamento dos estudantes. A exibição do filme *Ainda Estou Aqui* (Salles, 2024) serviu como catalisador para debates sobre repressão, resistência e memória. Os estudantes relacionaram elementos do enredo com situações históricas reais, demonstrando maior sensibilidade ao tema.

O estudo sobre o Movimento Tropicália (Imagem 2), articulado ao uso de músicas censuradas, permitiu compreender a dimensão cultural da Ditadura e o papel da arte como forma de resistência. Essa abordagem despertou grande interesse, uma vez que a música é um recurso próximo à vivência dos jovens.

Imagen 2. Slide da Aula de Tropicália



Fonte: Autores (2025).

A produção do mural sobre vítimas e desaparecidos políticos constituiu um dos momentos mais significativos. A atividade mobilizou os estudantes a pesquisar nomes, histórias e trajetórias de pessoas atingidas pelo regime, possibilitando um aprendizado ativo e



colaborativo. O mural (Imagem 3) transformou-se em espaço de memória, reforçando a importância da preservação da democracia.

Imagen 3. Mural de vítimas da Ditadura Militar



Fonte: Autores (2025).

Além disso, observou-se que os bolsistas desenvolveram habilidades pedagógicas relevantes, como a capacidade de planejar, mediar debates e refletir criticamente sobre os resultados. A experiência, portanto, contribuiu não apenas para a formação dos alunos da educação básica, mas também para a consolidação da identidade docente dos bolsistas.

Durante o processo de aprendizagem, os discentes do PIBID puderam contribuir trazendo uma perspectiva do período da ditadura com o passado recente do período bolsonarista no poder, isso através de imagens e relações com notícias e ações mostrando certos aspectos similares em suas ações.





Além do exposto, cabe salientar que a compreensão da Ditadura Militar no espaço escolar não se restringe apenas ao estudo dos fatos históricos, mas também à análise crítica das representações construídas sobre esse período.

Outro aspecto relevante é a contribuição do PIBID para a formação dos futuros professores. Ao se depararem com a prática docente desde os primeiros anos da graduação, os bolsistas desenvolvem maior segurança, senso crítico e capacidade de adaptação.

Do ponto de vista teórico, é importante destacar que o ensino da Ditadura Militar exige uma abordagem interdisciplinar. O diálogo entre a História, a Sociologia, a Literatura e a Arte favorece a compreensão mais ampla do período.

No campo da formação cidadã, a experiência relatada reforça a necessidade de que o ensino de História seja pautado em práticas que valorizem a democracia, os direitos humanos e a pluralidade de vozes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As experiências relatadas neste trabalho demonstram a relevância do PIBID como espaço de formação inicial de professores de História e como oportunidade de articulação entre teoria e prática. O ensino da Ditadura Militar, conduzido a partir de metodologias ativas e da valorização da memória histórica, possibilitou a construção de aprendizagens significativas, tanto para os estudantes da educação básica quanto para os bolsistas envolvidos.

O fortalecimento da democracia, a preservação da memória e a valorização da História como disciplina crítica e reflexiva foram pontos centrais que emergiram das práticas relatadas. Os resultados obtidos evidenciam a necessidade de investir na continuidade e ampliação de programas como o PIBID, que contribuem de forma concreta para a melhoria da educação brasileira.

Por fim, o trabalho aponta para a importância de novas pesquisas e práticas pedagógicas que explorem o ensino da Ditadura Militar de maneira inovadora, ética e crítica, de modo a consolidar a formação cidadã e fortalecer os valores democráticos.





AGRADECIMENTOS

Agradecemos à supervisora e professora na Escola, Natália Lima. Também agradecemos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo o apoio por meio da bolsa remunerada de PIBID.

REFERÊNCIAS

- BACICH, L.; MORAN, J. Metodologias ativas para uma educação inovadora. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BITTENCOURT, C. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2009.
- CHITOLINA, Claudinei Luiz. Por que o bolsonarismo é um resíduo ideológico da ditadura militar? *Le Monde Diplomatique Brasil*, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/por-que-o-bolsonarismo-e-um-residuo-ideologico-da-ditadura-militar-ressurgimento-do-autoritarismo/>. Acesso em: 18 nov. de 2025.
- FONSECA, S. G. Didática e prática de ensino de História. Campinas: Papirus, 2016.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
- hooks, b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.
- hooks, Bell. Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 294 p.
- MAY, T. Pesquisa social. Questões, métodos e processos. Porto Alegre, Artemed: 2001.
- MORAN, J. M. A educação que desejamos: novos desafios e como chegar lá. 5. ed. Campinas: Papirus, 2015.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.
- SALLES, W. Ainda Estou Aqui. Filme. Brasil, 2024.
- BARROS, C. Tropicália: a história de uma revolução musical. São Paulo: Editora 34, 2004.